

## "Baltazar Lopes da Silva, Filólogo e Ensaísta em Linha Recta"

Alberto Carvalho  
Faculdade de letras de Lisboa  
(2012)

### **o. Protocolo**

Está de parabéns a Direcção da Associação Cabo-Verdiana de Lisboa pelo incremento de uma política de aproximação e de divulgação atenta aos valores da cultura cabo-verdiana, engrandecedora do património que merece ser lembrado.

Devo por isso também exprimir a minha satisfação pelo convite para falar sobre a obra de Baltazar Lopes, obra de méritos que nunca é demais encarecer, tão oportunamente quanto neste ano se celebra o centésimo quinto aniversário do seu nascimento e satisfação, sempre, pela oportunidade concedida para falar das realidades cabo-verdianas.

Como raramente se tem abordado, numa percepção de conjunto, a obra não literária de Baltazar Lopes, pareceu-me oportuno dedicar este encontro a essa parte do *corpus* da sua obra, reveladora de aspectos menos comuns da personalidade pública do Autor e da sua *praxis* na vida de Cabo Verde.

### **1. Imagem (não reflectida)**

O título da nossa exposição, "Baltazar Lopes da Silva, Filólogo e Ensaísta em Linha Recta" merece algumas especificações em relação às subtilezas do nome.

O nome por extenso e o nome próprio grafado em "z" exprimem o específico sector da escrita não criativa do filológica e ensaística, além "Baltazar Lopes da Silva" ser a assinatura do primeiro dos seus trabalhos do paradigma não literário, datado de 1930, ano do regresso a Cabo Verde duas vezes Licenciado (como se sabe, em Direito e Filologia Românica).

A especificação "em linha recta" é metafórica, e destina-se a pôr em relevo a unidade axiológica do pensamento científico e cultural do Autor que obedeceu sem desvios ao que designaremos por princípio da unidade e da continuidade em evolução. Na especificação "em linha recta" também assentam algumas das ideias que orientam esta nossa intervenção.

Antes de mais, pretendemos fixar-nos na obra e não no homem. Pondo de parte aquilo que sabemos por experiência pessoal dos encontros com o Mestre, o mais importante não consiste em ver como ele se reflecte na sua obra, mas exactamente o inverso, surpreender a sua figura a emergir dos escritos de que agora nos iremos ocupar.

A figura que emerge dos escritos não é, nem poderia ser, um simples retrato. Deste ponto de vista, aquilo que os textos oferecem, não sendo um reflexo mecanicista do homem, deve ser entendido exactamente como uma refração de elementos e dados objectivos e de ideias com os quais se pode compor a sua figura de intelectual.

Antecipando um pouco, diremos que o mais surpreendente nos textos é a segurança, o saber científico filológico e a intuição intelectual, considerando o facto de o contexto cultural do Arquipélago ser um caso de isolamento. Assim foi no passado, nos tempos em que não havia as facilidades de aquisição de livros nem da informação que circula na Internet, e assim é hoje ainda no plano espacial.

Notas:

Num dos seus romances, Stendhal afirma, em linguagem metafórica, que um romance é um espelho que se passeia ao longo da estrada da vida. Pierre Macherey retoma a questão dizendo que, a ser espelho, então esse espelho encontra-se fragmentado dando da realidade uma imagem deformada, recomposta pelo fazer literário. Se bem interpretamos P. Macherey, trata-se de reverter a ideia mecanicista do reflexo na ideia dialéctica da representação criativa.

Colocada a questão em termos operatórios, diremos que, no tocante a Baltasar Lopes ou a Manuel Lopes, p. ex., se *Chiquinho* ou *Chuva Braba* forem tomados principalmente por documentos sobre a realidade da seca e da chuva, três ideias podemos extrair dessa atitude, que se perde a força persuasiva das obras devido à sua inventiva, que a inventiva literária diz a realidade de uma forma muito mais rica do que aquilo que ela é de facto, que se a intenção do Autor fosse falar simplesmente da realidade então escreveria um documento objectivo que lhe daria muito menos trabalho.

## 2. Refracção

Transposta a questão para os planos psicológico e ético, poderemos dizer da figura do Autor disseminada na escrita que é animada por bem visível orgulho identitário, assim como por um sentido ético ao mesmo tempo respeitoso e irónico, respeitoso no que toca aos escritos inteligentes, mesmo dos que se lhe opunham, irónico no desdém para com os escritos que, ao contrário, pouco ou nada revelassem de ideias bem elaboradas, bem exposta e bem argumentadas.

Deixando-nos envolver pelos modelos subjacentes a pelo menos dois dos seus escritos, poderemos alinhar esta nossa exposição em forma de plano de trabalho para reproduzir o essencial da programática dos escritos não literários de Baltasar Lopes.

Globalmente, a unidade e coerência da figura textual do Autor reside no projecto que porfiadamente desenvolveu em torno do saber geral sobre a vida crioula e do conhecimento interno da língua cabo-verdiana. Sob a forma de itens, teremos:

1. condições empíricas de surgimento da língua crioula;
2. protagonistas activos na sua formação, primeiramente de etnicidades europeia e africana e, com o rodar dos tempos, todos os naturais das ilhas;
3. caracteres internos da língua devidas a esses protagonismos;
4. alinhamento da língua crioula na fenomenologia desenvolvida a partir das matrizes europeia-latina e africanas;
5. consideração da língua cabo-verdiana como um elemento genuíno representativo da cultura humana (passe a redundância) crioula. O termo “crioulo” aparece frequentemente no sentido de “apport” civilizacional do homem cabo-verdiano;

6. alcance criativo da língua em domínios complementares, como sejam, o popular das tradições folclóricas e o erudito da literatura escrita, nomeadamente na poesia (em crioulo);
7. problematização de tópicos decorrentes de dois considerandos:
  - 7.1. valorização do foco referencial do crioulo, em função do que se pode designar por matriz linguística originária, forjada nas ilhas;
  - 7.2. necessidade de recorrer à etimologia para explicar praticamente todas as designações onomásticas do Arquipélago;
8. Tirando conclusões mínimas destes últimos tópicos, notemos:
  - 8.1. a despeito de todos os escritos partirem do contexto ideológico de Barlavento, manda a ética que a boa verdade seja científica, que o crioulo com dignidade fundacionista seja o de Sotavento central;
  - 8.2. deduz-se da necessidade da etimologia, para explicar os nomes de povoamento cultural das ilhas, que a escrita e a grafia etimológica sejam consideradas o ADN do cabo-verdiano língua e cultura;
  - 8.3. esta asserção assenta em argumentos e demonstrações científicas, coisa diferente será o que for determinado pelas estratégias ideológicas.
9. Assim alinhados em relação lógica de progressiva abrangência, estes tópicos dão corpo a uma heurística que se entende como explicitação dos caminhos da investigação praticados pelo linguista (Baltasar Lopes da Silva) e como exercício pedagógico a ser seguido por quem se possa e queira interessar pelos estudos nesta perspectiva histórica;
10. Vale dizer que a atitude pedagógica do Mestre é uma espécie de preceito que está presente em todos os seus escritos, embora de alcances diferentes:
  - 10.1. nos estudos linguísticos trata-se de mostrar-ensinar como se faz;
  - 10.2. em outros textos de natureza ensaística prevalece o mostrar-ensinar bons enfoques dos problemas e das questões;
  - 10.3. em outros ainda ressalta a pedagogia do saber e da sua utilização feita com propriedade, bem como a pedagogia do alerta para os casos contemporâneos;
  - 10.4. desta preocupação com a pedagogia e com a indicação do seu bom emprego podemos dizer que representa uma *praxis* interventiva onde a acção social se concretiza pelo saber e pelo dizer de forma produtiva esse saber.
11. Quem não conheceu nem ouvia falar de Baltasar Lopes pode inferir do exposto uma imagem refractada assente em palavras-chave como: linguista, filólogo, cientista, pedagogo, ético, metódico, empenhado, culto, interventivo, patriota crioulo, etc.; portanto, imagem subjectiva sem hipótese de retrato mecanicista, físico.

### **3. Analogia**

De acordo com uma ideia que expusemos em mais de um lugar, podemos partir de uma

aproximação temática de *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett, e de *Chiquinho*, de B. Lopes, para cotejarmos os traços que nos permitem falar numa relação de homologia entre as duas figuras, segundo o que representam e exprimem nos seus respectivos tempos históricos separados por um século, quanto à tendência poligráfica e interventiva de ambos e quanto ao papel que viam nas tradições orais como elemento necessário ao traçado da identidade nacional. A título anedótico lembremos que Almeida Garrett e Chiquinho (de Baltasar Lopes) foram ambos “ensinados” a gostar das tradições orais por mulheres com o mesmo nome, as velhas “Rosa”. Será impossível saber se Baltasar Lopes se inspirou em Almeida Garrett, tanto mais que não deu importância ao assunto num encontro em que lhe referi a similaridade dos nomes.

Parafrazeando Augusto da Costa Dias a propósito de Garrett, poderemos dizer que também Baltasar Lopes foi um intelectual orgânico. Cada um a seu modo soube captar as tendências dominantes das suas épocas, mundos velhos que se esgotavam e mundos novos carregados de dificuldades.

No caso da figura de Baltasar Lopes, uma diferença a destacar reside no facto de as tradições populares e o povo em geral lhe servirem também de base para os estudos de linguística histórica no campo filológica.

#### **4. Filologia**

Lembremos de passagem o livro de Louis-Jean Calvet, *Linguistique et Colonialisme- Petit Traité de Glottofagie* (Paris, Payot, 1974) que gerou um furor enorme por se posicionar num campo muito agressivo contra a situação colonial.

Em face das teses de Calvet, não faltou quem considerasse inteligente a obra de Baltasar Lopes, mas ultrapassada por permanecer centrada no campo filológico em vez do sociológico orientado para relação dita glotofágica entre as línguas dos colonizadores e dos colonizados.

De acordo com o que se deduz da própria realidade empírica, histórica, e com aquilo que ensinam os textos linguísticos, e como acima referimos em outra perspectiva, a tese de Calvet assenta numa tese sem aplicação em Cabo Verde:

1. a língua do colonizador português não impediu nem dificultou o surgimento do crioulo;
2. na prática histórica o colonizador foi, pelo contrário, um colaborador na formação do crioulo;
3. os estudos de Baltasar Lopes mostram seguramente essa realidade;
4. a orientação da linguística sócio-ideológica anti-colonialista não fornecia a Baltasar Lopes uma heurística de interesse que devia ser, como sempre foi, como se viu, orientada para o conhecimento do aparecer, formação e desenvolvimento da língua dos cabo-verdianos;
5. e isto pelo facto notável de a língua cabo-verdiana representar na história do ocidente a última língua a ser formada. Se, em relação às anteriores línguas derivadas do latim, francês,

galego-português, castelhano, italiano, romeno, não parece possível descrever os processos de formação, no caso mais próximo do crioulo é possível saber com algum rigor o essencial da sua fenomenologia;

6. outras línguas crioulas existem, mas nenhuma jamais parece ter alcançada a plenitude do cabo-verdiano, tanto no plano institucional com nos formativo e expressivo do ser humano;

7. Baltasar Lopes sabia-o de ciência filológica como ninguém, e era esse ADN e essa anatomia que guiaram sem desvios os seus interesses e os seus estudos integrados no caldo cultural engendrado pela nação.

## **5. Roteiro**

Como que imitando o preceito pedagógico de toda a obra de Baltasar Lopes, no estudo que lhe dedicámos (Baltasar Lopes, *Escritos Filológicos e Outros Ensaios*, Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2010) procedemos à ordenação dos textos de acordo com a evolução do pensamento neles expresso de maneira a preservarmos a tal ideia de linha recta heurística. Doravante procuraremos compor a imagem do Autor perseguindo os sentidos em que se dissemina nos referidos *Escritos e Ensaios*, assim:

A. Doutrina: 1. Dialecto; 2. Linguagem; 3. Diacronia; 4. Ortografia; 5. Ortoépia; 6. Folclore;

B. Pedagogia: 1. Morna; 2. Homem; 3. Vistas; 4. Revisões;

C. Cronística: 1. Casos; 2. Apontamentos; 3. Matrizes.

### **A. Doutrina**

.Em vários textos predomina o trabalho científico de linguística no caminho problematizante em progressão do geral para o particular:

#### **1. Dialecto**

Compreende texto relativo à indicação de Baltasar Lopes para estudar o crioulo, texto base declarativo de todo o seu pensamento linguístico e que é também uma demonstração de competência, com ideias sobre a génese do crioulo e situação no terreno empírico:

1. necessidade de entendimento na prática da vida entre colonizador e colonizado;
2. léxico referencial, útil, de incidência sobre as realidades práticas da vida comunitária;
3. aproximação recíproca, colonizadores e colonizados, por necessidade de entendimento;
4. prática inevitável do falar empregando o léxico europeu mas com hábitos articulatorios e sintácticos específicos, de acordo com as origens dos colonizados

#### **2. Linguagem**

Reflexão centrada na língua de um ponto de vista analítico e descritivo:

1. anotação de traços específicos do crioulo em comparação com o falar brasileiro;
2. destas anotações deduz-se que o crioulo se afasta nitidamente do falar brasileiro devido em grande parte ao protagonismo do negro-africano no espaço das ilhas;
3. tendo em conta os dados de formação do crioulo considerar não conforme à realidade dos factos a hierarquia entre línguas e dialectos;
4. ainda como dedução dos dados sob enfoque linguístico, propor a hipótese, aliás bastante arguta, de o crioulo, face ao falar brasileiro, ter resultado de uma menor acção do português na vida colonial cabo-verdiana.

### **3. Diacronia**

Questão dos elementos sócio-culturais necessários à explicação do surgimento do crioulo:

1. contra as teorias de Gilberto Freyre (*Casa Grande e Sanzala*), Baltasar Lopes considera terem muito maior poder explicativo os conceitos “aceitação”, “adaptação”, “reação”;
2. demonstra-se historicamente um muito maior investimento do reinol no Brasil, devido à riqueza da colónia;
3. por esse facto, ficavam os cabo-verdianos entregues a si mesmo, ou seja, livres para poderem afeiçoar e aperfeiçoar o crioulo;
4. Baltasar Lopes intuiu exactamente a realidade dos factos, mas não sabia ainda, por falta de acesso à documentação das fontes, aquilo que só veio a ser formulado muito mais tarde, a questão do Directório pombalino e da imposição do português nas escolas, medida que, para unificar a colónia brasileira, custou a supressão dos dialectos guarani e tupi que se achavam em processo de formação (se Cabo Verde tivesse as riquezas do Brasil ter-lhe-ia por certo sucedido o mesmo).

### **4. Ortografia**

A etimologia é indispensável à explicação dos nomes geográficos:

1. deste facto deduz-se a vantagem da preferência pela ortografia próxima do português;
2. a ortografia de fundo etimológico é coerente com a ciência filológica e com a história das ilhas, o seu ADN (empregando a ideia expressa mais acima).

### **5. Ortoépia**

Trata-se agora de atender à questão de escrever em crioulo ou em português e da forma como reagem os falantes das diferentes ilhas à larga variedade das realizações lexicais e sintácticas. Este constitui um dos mais difíceis tópicos que encontramos nos textos do linguista Baltasar Lopes da Silva, além de implicar três aspectos de relevo, o tempo histórico em que o texto se insere (1986), o facto de, sendo Baltasar Lopes o decano dos estudos do crioulo, só escrever em português e a natureza de este texto ensaístico tomar a forma de conferência:

1. dispensamo-nos aqui de especificar em pormenor a dissertação do Mestre, extremamente cautelosa, notando somente que, ao convocar a questão da ortoépia, punha em evidência a delicada questão da pronúncia das palavras do crioulo, não exactamente na perspectiva de uma suposta norma, mas do falar de ilha para ilha;
2. falantes de ilhas distintas com falares distintos esperam ambos, cada um à sua maneira, estarem a pronunciar as palavras de acordo com a regra de bem falar;
3. por ser de elaboração muito cerrada, deduzimos do texto do Mestre que, a seu ver teórico, uma ortografia assente no princípio “como se fala” segundo um lugar de referência, acabará por levantar dificuldades no plano ortoépico quando se passa do plano da fala para o da escrita;
4. o utente da língua ao escrever pretende fazê-lo correctamente, pelo menos para mostrar que sabe e obedece às boas regras;
5. mas, como falante de uma ilha outra que não a ilha lugar de referencia, a sua escrita “como se fala” corre certamente o risco de, em toda a boa fé e sem se dar conta disso, o seu vocalismo ortografado se desviar da ortografia de referência;
6. no essencial, com a abordagem desta problemática o Mestre tem em vista sobretudo a optimização do processo literário, dado o facto de ser a linguagem verbal o seu mediador por excelência. O Autor não pode deixar de ter em conta a linguagem em que escreve, no caso de se preocupar com o horizonte de espera e com a acessibilidade da leitura do seu texto.

## **6. Folclore**

Mesmo que assim não seja nos textos literários eruditos, a língua crioula faz o pleno da sua criatividade no domínio da cultura folclórica, oral, daí resultando que, para o conhecimento completo da língua, se torne necessário o levantamento sistemático do estro popular. Vão em tal sentido as indicações de Baltasar Lopes:

1. considerações de alcance vário para situar a questão nos planos teórico e metodológico;
2. apresentação de um plano de acção organizado em Programa muito minucioso.

## **B. Pedagogia**

Ao contrário do movimento lógico anterior, os tópicos evoluem do particular para o geral.

### **1. Morna**

Incluem-se neste tópico textos de tema específico de grande fôlego, com sugestões para trabalhos de investigação de longo alcance:

1. tentativa de especificar o historial e evolução da morna;
2. reflexão em torno da morna no horizonte mais vasto do Folclore;

3. plano de trabalho para o estudo da Morna.

## **2. O Homem**

Trata-se agora da reacção contra as ideias feitas sobre o indivíduo cabo-verdiano:

1. recusa veemente do olhar para o crioulo como um caso, um objecto exótico, estereotipado;
2. o perfil do indivíduo crioulo, como de qualquer outro, descreve-se objectivamente tendo em consideração as circunstâncias civilizacionais, culturais, linguísticas, bem como a praxis humana no seu devido contexto social.

## **3. Vistas (Cabo Verde Visto por Gilberto Freyre)**

Depois de ter passado por Cabo Verde apressadamente, Gilberto Freyre pronunciou-se de maneira pouco abonatória sobre a realidade das ilhas, facto que mereceu de Baltasar Lopes, anos depois, uma crítica correctiva em devida forma:

- 1 contestação ponto por ponto das observações de Gilberto Freyre;
2. exibição do saber do crioulo que prova ao Mestre brasileiro que o cabo-verdiano é denso de cultura;
3. lição irónica do discípulo endereçada ao Mestre;
4. pretexto para a exibição do orgulho crioulo;
5. o crioulo língua, de que Gilberto Freyre não gostou, é para Baltasar Lopes a respiração e a alma do homem cabo-verdiano;
6. mas, a despeito da querela intelectual, Baltasar Lopes preserva o relacionamento cordial de respeito pelas inteligências, mesmo em desacordo

## **4. Revisões (Prefácio a *Aventura Crioula*, de Manuel Ferreira)**

Trata-se, neste caso, do único texto de Baltasar Lopes no domínio do ensaísmo literário:

1. pelo estilo o Mestre concede o beneplácito generoso ao investigador dedicado;
2. mas, ao mesmo tempo, a sua apreciação transcende o âmbito do trabalho, tornando-se uma claríssima exibição de pedagogia e saber do Mestre

## **C. Cronística (quotidiano, cronos)**

Neste sector põe-se agora em evidência o papel do homem de cultura que não prescinde do magistério de intervenção pela palavra bem meditada.

### **1. Casos**

1. a opinião constitui um caso precioso de direito de intervenção, assim como o respeito devido às opiniões alheias no processo dito de “contraditório”, mas desde que obedeçam a



raciocínios bem fundamentados;

2. a música é um domínio onde os cabo-verdianos revelam grandes dotes:

2.1. no entanto, na realidade verifica-se uma grande perda de vocações;

2.2. por isso justifica-se uma proposta pedagógica de reactivação das vocações;

3. a cachupa representa um lugar de identificação crioula

3.1. as críticas tecidas ao texto de Baltasar Lopes sobre a cachupa demonstram que o ensaísta deve-se apoiar em bons argumento;

3.2. mas nem assim se livra da crítica não inteligente, crítica de tipo falácia *ad homini*;

## **2. Apontamentos (Crónicas *Varia Quaedam*):**

De acordo com as regras do género, a “Crónica” incide sobre assuntos do quotidiano

1. a 1ª Crónica visa criticar o estado do conhecimento actual e faz o ponta da situação:

1.1. uma sua propostas de estudo de cultura não teve sucesso;

1.2. na sua reflexão sobre a cachupa foi acusado de ultrapassado;

2. a 2ª Crónica parte de “ultrapassado” para uma lição de filologia e onomástica

2.1. a moda actual privilegia o culto dos heróis revolucionários

2.2. isso tem como consequência o esquecimento dos homens de cultura nacionais;

3. a 3ª Crónica parte de “cultura nacional” para referir os cabo-verdianos ilustres

3.1. uma personagem bem representativa neste caso é o Cónego Teixeira;

4. a 4ª Crónica constitui um texto de grande fluência e diversidade

4.1. um importante tópico sócio-cultural consiste na conciliação entre tradição e modernidade, p. ex., entre as condições do meeiro e do rendeiro;

4.2. de grande importância é também a produção de doutrina jurídica-social genuína

5. a 5ª Crónica toma a forma de enciclopédia de verbetes

5.1. envereda pela crítica às modas importadas com prejuízo do nacional;

5.2. insinua em forma de ironia cínica a moda importada do “esclarecimento das ‘massas’”

6. a 6ª Crónica é um arguto exercício intelectual a partir do tema da chuva e das crenças

6.1. lembra homens de reflexão como Humberto Fonseca e Manuel Duarte;

6.2. passa da crença popular para a erudição, associando “Pasárgada” ao “caldo de peixe”;

6.3. critica a ignorância e louva a boa inteligência (só pode fazer “caldo de peixe” quem tiver o peixe apropriado, ou seja, só pode fazer crítica quem tiver ideias apropriadas).

7. a 7ª Crónica incidente sobre tópicos avulsos, aparentemente fragmentários mas dotados de um sentido conotado por implícitos muito coerentes;

1. foi menor influência brasileira na *Claridade* do que aquilo que tem sido dito;

2. em vez de se ir atrás das modas o cabo-verdiano poderia valorizar o seu “Caperdien grog” (esta expressão em inglês é uma forma de ironia que visa as modas bordões);

3. a ambiguidade atinge o limite máximo no texto relativo a António Carminho especialista

em lançar papagaios;

3.1. entende-se que lançam papagaios os que não sabem;

3.2. reaparece a crítica a quem não entendeu o “Itinerário de Pasárgada”, ao mesmo tempo que são louvados os opositores argutos, como Manuel Duarte.

### **3. Matrizes**

Desempenha uma adequada baliza de fechamento o texto de retrato do São nicolaense

1. como primeiro efeito, o texto parece ser um auto-panegírico;

2. tudo parece passar-se como um louvor bairrista do patrício da sua ilha natal que não cessa de lhe valorizar os atributos;

3. mas, em conclusão inesperada, Baltasar Lopes generaliza esses louvores atribuindo-os a todos os cabo-verdianos de todas as ilhas.

Assim se pode dizer que os textos de Baltasar Lopes constroem dele uma imagem exemplar que tem por lugar identitário, não esta ou aquela ilha, mas a totalidade delas.